

Ver para Crer: Fotografia Como Recurso Historiográfico-Comunicacional na Contemporaneidade¹

Sílvio Takeshi TAMURA²

Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

RESUMO

O hábito de fotografar não é uma invenção da atualidade. No Brasil, a fotografia vem sendo praticada há tempos, desde meados do século 19, a exemplo de D. Pedro II (1828-1891), ainda na adolescência, em 1840, quando ostentava o título de Príncipe Imperial. (BUITONI, PRADO & REDISCH, 2012, p. 2). Posteriormente, observa-se que outras personalidades cultivavam, igualmente, a predileção por retratos, citando o caso do tipógrafo, pintor e desenhista francês Hércules Florence (1804-1879), considerado um dos precursores e inventor dos primeiros métodos e processos fotográficos do mundo. (KOSSOY, 2006, p. 28). Na literatura, escritores como Monteiro Lobato (1882-1948) também se interessava pela arte fotográfica, registrando diversos locais relacionados à sua biografia, entre eles, a fazenda São José do Buquira (LAJOLO, 2000, p. 40), propriedade rural herdada do avô, Visconde de Tremembé (1830-1911). De lá para cá, o aprazimento pelas fotos ganhou milhares de adeptos, atravessando gerações, modernizando-se a cada década, chegando atualmente aos aparelhos celulares, tablets e demais dispositivos tecnológicos. No entanto, fato é que as imagens fotográficas não se restringiram às camadas populares, sendo apropriadas, a posteriori, pelas ciências humanas e sociais, entre elas, especialmente, História e Comunicação. Este trabalho investigativo-científico tem por objetivo contextualizar, a partir de uma série de argumentos, de que maneira a fotografia constitui-se, concomitantemente, enquanto recurso visual, historiográfico e comunicacional na Contemporaneidade. Entrementes, os fundamentos teórico-metodológicos norteadores deste estudo tentam responder à

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 2 a 4 de junho de 2022.

² Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e-mail: sttam_mail@terra.com.br

seguinte pergunta/questão de pesquisa: Como a fotografia pode se constituir na qualidade de um documento historiográfico-comunicacional? Ou seja, em outras palavras, como uma imagem fotográfica caracteriza-se, ao mesmo tempo, na condição de fonte histórica e meio de mensagens? Ao longo dos séculos, estudiosos de diferentes países admitiam enquanto documentos materiais advindos de arquivos, inventários, registros oficiais e demais repositórios institucionais para a produção e escrita da história. Todavia, no início do século 20, surgira na França um movimento denominado Escola dos Annales, formado por grupos de intelectuais que apregoavam novos arranjos como matérias-primas do fazer historiográfico, propondo inovações nas metodologias, entre elas, a possibilidade de diálogos com outros campos do saber, instituindo relações interdisciplinares entre História e ciências circunvizinhas. (Cf. CUNHA, 2007; REIS, 2011; MATA, 2010). Outrossim, este círculo de novos pensadores corroborava com o emprego de outros elementos como arcabouços documentais, legitimando aparatos antes não reconhecidos. A partir de então, recursos como: música, dança, objetos pessoais, cartas, epístolas, quadros, pinturas, obras de arte, filmes, produções audiovisuais, propagandas, quadrinhos, charges, entrevistas, diários, vestimentas, jornais, fotografias, iconografias e demais itens passavam a ser classificados enquanto acervos historiográficos e componentes da historiografia. (Cf. BURKE, 1997). Doravante, as imagens fotográficas passaram a fazer parte do rol de pesquisas da ciência histórica. Identicamente, os recursos audiovisuais também entraram neste inventário, entre eles: cinema, televisão, vídeos, games, etc. (Cf. HAGEMEYER, 2012). No campo jornalístico, a fotografia incorporou-se à composição de manchetes, notícias, reportagens e demais publicações, gerando o denominado fotojornalismo – produto resultante do cruzamento entre jornalismo e arte fotográfica, em que a imagem assume função historiográfico-comunicacional, transmitindo ao público uma mensagem pictórica, servindo-se, ao mesmo tempo, como documento a ser preservado para a posteridade. Além disso, “o jornalismo, pelo menos enquanto pretensão geral, utiliza a fotografia como prova e testemunho do real. Embora use tantas imagens meramente ilustrativas ou até publicitárias e mesmo ficcionais, a grande justificativa é o registro do real” (BUIIONI, PRADO & REDISCH, 2012, p. 27). Diante disso, pelo fato de as fotografias apresentarem-se como registros da realidade, as mesmas podem ser consideradas, diametralmente, enquanto acervos documentais. Atualmente, inúmeros veículos jornalísticos resguardam suas coletâneas, organizando

edições por datas de publicação, disponibilizando-as ao público. Grande número de docentes, discentes, pesquisadores, escritores e integrantes de programas de pós-graduação recorrem a banco de dados de jornais em busca de fotografias para produção de artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Semelhantemente, várias instituições, centros universitários e demais corporações realizam eventos, seminários e mostras fotográficas, atraindo visitantes interessados em conhecer o patrimônio pictográfico das organizações. O filósofo canadense Marshall McLuhan (1911-1980) desenvolveu um proeminente trabalho, defendendo a máxima de que “o meio é a mensagem” (Cf. McLUHAN, 2007, p. 21). Anteriormente, diversos teóricos debruçavam-se sobre relações intrínsecas entre emissores/mensagem/receptores. Sem embargo, McLuhan inovara estes pressupostos fundamentais, chamando atenção para a importância do meio, asseverando que este não se apresenta meramente como um canal veiculador. De acordo com este comunicólogo, o meio identifica-se como influenciador, inspirador e estimulador de conteúdos da mensagem. Ademais, Marshall McLuhan subdivide os meios em duas categorias: meios quentes e meios frios (McLuhan, 2007, p. 38). Nesta catalogação, a fotografia é conceituada como meio quente, diferente do telefone, televisão e escritas hieroglíficas, considerados meios frios. Portanto, o meio, segundo McLuhan, manifesta-se também como mensagem. Contudo, mesmo a fotografia sendo um meio, e simultaneamente um documento, carece prementemente importantes ponderações. É necessário, deveras, interpretar a fotografia, localizando-a em seu tempo histórico, porquanto que a imagem, por si própria, não enuncia mensagens prontas. Em vista disso, número considerável de pesquisadores recaem num erro denominado anacronismo, isto é, atribuir valores, ideias e outras representações não conectadas com o recorte temporal analisado. Paralelamente, a fotografia deve servir como substrato para produção de narrativas historiográficas, jornalísticas, literárias, entre outras. De igual natureza, a imagem fotográfica encarrega-se de ratificar credibilidade enquanto documento. Um retrato, por exemplo, de um estadista discursando em determinado local, confere certa segurança. Muitos, carregados de incredulidade, poderão se convencer dos fatos a partir da mostra de uma fotografia. Um jornal, que noticia certo acontecimento, conseguirá maior convencimento do leitor utilizando-se, igualmente, de fotos. Acidentes, guerras, manifestações, movimentos e demais casualidades poderão ser melhor validadas a partir da utilização de retratos imagéticos. “Em todas as épocas, a fotografia serviu para

assegurar validade e legitimidade ao real, ao mesmo tempo em que alguns fotógrafos ou pensadores também a usavam para questionar o efeito da verdade.” (BUITONI, PRADO & REDISCH, 2012, p. 49). Igualmente, o fotógrafo – profissional ou amador – que tirou determinada foto, pode, de certa forma, dependendo da situação, ser considerado como historiador. Não por coincidência, Heródoto (484-425 a. C.), ainda na Grécia Antiga, é considerado Pai da História pelo fato de ter presenciado, registrado e organizado fatos e eventos ocorridos em sua época. Um fotógrafo, que está cobrindo uma guerra, apresenta-se, semelhantemente, como um historiador. Por fim, este estudo científico tem como escopo tecer algumas contextualizações acerca das relações entre imagem fotográfica, historiografia e aspectos comunicacionais, tendo como esteira de análises a metodologia bibliográfica, lastreados em critérios qualitativos.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Historiografia; Documento; Fotojornalismo.

REFERÊNCIAS

- BUITONI, D. S.; PRADO, M. P. D.; REDISCH, R. **Fotografia e Jornalismo:** a informação pela imagem. São Paulo: Saraiva, 2012.
- BURKE, P. **A Escola dos Annales.** São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.
- CUNHA, F. S. **História & Sociologia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- HAGEMEYER, R. R. **História & Audiovisual.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- KOSSOY, B. **Hercule Florence:** a descoberta isolada da fotografia no Brasil. São Paulo: Edusp, 2006.
- LAJOLO, M. **Monteiro Lobato:** um brasileiro sob medida. São Paulo: Ed. Nacional, 2000.
- MATA, S. D. **História & Religião.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- McLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem.** São Paulo: Cultrix, 2007.
- REIS, J. C. **A História, entre a Filosofia e a Ciência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.